



## Artigo

### Relações de duplo vínculo e a vivência do desmentido na família

Camilla Soares Viana Gonçalves

**Resumo.** A psicoterapia familiar em casos de violência revela que os vínculos afetivos frequentemente moldam a dinâmica e a comunicação familiar em torno do trágico e do traumático. Este estudo visa investigar o conceito de duplo-vínculo, proposto por Gregory Bateson (1956), presente na infância, e as noções de trauma e desmentido desenvolvidas por Sándor Ferenczi (1933/1992). A abordagem articula teorias psicanalíticas e sistêmicas, explorando complementariedades e respeitando suas diferenças. Compreender as relações familiares adoecedoras se torna uma ferramenta essencial na condução dos casos, visto que a clínica oferece um espaço privilegiado para o reconhecimento e a simbolização do trauma.

**Palavras chave:** duplo vínculo; desmentido; trauma psíquico; psicoterapia de família.

### Relaciones de doble vínculos y la experiencia de la negación en la familia

**Resumen.** La psicoterapia familiar en casos de violencia revela que los vínculos afectivos a menudo moldean la dinámica familiar y la comunicación en torno a lo trágico y lo traumático. Este estudio pretende investigar el concepto de doble vínculo, propuesto por Gregory Bateson (1956), presente en la infancia, y las nociones de trauma y negación desarrolladas por Sándor Ferenczi (1933/1992). El enfoque articula las teorías psicoanalíticas y sistémicas, explorando las complementariedades y respetando sus diferencias. La comprensión de las relaciones familiares dañinas se convierte en una herramienta esencial en la gestión de los casos, ya que la clínica ofrece un espacio privilegiado para el reconocimiento y la simbolización del trauma.

**Palabras clave:** doble vínculo; negación; trauma psíquico; psicoterapia familiar.

### Double-bind relationships and the experience of denial in the family

**Abstract.** Family psychotherapy in cases of violence reveals that affective bonds often shape family dynamics and communication around the tragic and the traumatic. This study aims to investigate the concept of the double bond, proposed by Gregory Bateson (1956), present in childhood, and the notions of trauma and denial developed by Sándor Ferenczi (1933/1992). The approach articulates psychoanalytic and systemic theories, exploring complementarities and respecting their differences. Understanding family relationships harmful becomes an essential tool in the management of cases, since the clinic offers a privileged space for the recognition and symbolisation of trauma.

**Keywords:** double-bind; denial; psychic trauma; family psychotherapy.

\*Psicóloga e Mediadora Familiar. Doutoranda pela Universidade Pontificia Comillas, Madrid, Espanha. E-mail: [c.svianag@gmail.com](mailto:c.svianag@gmail.com)

## Les relations de double lien et l'expérience du déni dans la famille

**Résumé.** La psychothérapie familiale dans les cas de violence révèle que les liens affectifs façonnent souvent la dynamique familiale et la communication autour du tragique et du traumatique. Cette étude vise à interroger le concept de double lien, proposé par Gregory Bateson (1956), présent dans l'enfance, et les notions de traumatisme et de déni développées par Sándor Ferenczi (1933/1992). L'approche articule les théories psychanalytiques et systémiques, en explorant leurs complémentarités et en respectant leurs différences. La compréhension des relations familiales nocives devient un outil essentiel dans la prise en charge des cas, la clinique offrant un espace privilégié pour la reconnaissance et la symbolisation des traumatismes.

**Mots-clés:** double contrainte ; déni ; traumatisme psychique ; psychothérapie familiale.

A Clínica da Família permite explorar as formas de vinculação e seus fundamentos no traumático, partindo da compreensão de que os vínculos afetivos muitas vezes organizam as cenas familiares em torno do trágico. Como afirma Roudinesco (2003), a psicanálise entende que a família coloca homens, mulheres e crianças em papéis inconscientes de heróis e criminosos. Do ponto de vista psicodinâmico, o trauma psíquico se manifesta como uma experiência de ruptura na transmissão, ou seja, algo que ultrapassa a capacidade do sujeito de tolerar e elaborar psiquicamente o acontecido (Laplanche & Pontalis, 2001). O trauma, assim, é o que provoca a repetição, e aquilo que se repete é o que ainda não foi simbolizado.

Uma maneira de compreender a repetição das cenas violentas no seio familiar é por meio do conceito de repetição como uma forma de memória, conforme proposto por Freud (1914/1996) em "Repetir, Recordar e Elaborar": "Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo" (p. 165). Dessa forma, a repetição está vinculada à falta, evidenciando a existência de um não-sabido, de um trauma, ou de uma lacuna na transmissão.

Com base nesses conceitos de trauma psíquico, este trabalho busca percorrer caminhos que permitam compreender os vínculos que sustentam a estrutura psíquica familiar, o conceito de desmentido e a noção de duplo vínculo, já que, frequentemente, as relações traumáticas também contêm mensagens contraditórias que bloqueiam a possibilidade de compreensão psíquica por parte do receptor.

No Brasil, autores como Bucher-Maluschke (2008) e Féres-Carneiro e Ponciano (2005) têm contribuído significativamente para a compreensão das origens dos conflitos individuais nas relações familiares, articulando teorias psicanalíticas e abordagens sistêmicas. Nichols e Schwartz (2007) também reforçam que tanto a abordagem individual quanto a familiar oferecem meios para compreender a resolução de conflitos e o alívio do sofrimento humano.

Féres-Carneiro e Ponciano (2005) enfatizam que as articulações entre diferentes enfoques teóricos devem favorecer a aproximação entre as divergências, sem perder de vista as tensões que precisam ser examinadas. Isso implica reconhecer as complementariedades possíveis, ao mesmo tempo que respeita as diferenças que não são conciliáveis, mas que podem gerar perspectivas de uma meta-teoria. Ponciano (2004) defende que a articulação desses enfoques possibilita o entrelaçamento das questões individuais, familiares e das relações do sujeito.

Assim, este trabalho tem como objetivo investigar a noção de duplo vínculo, proposta por Gregory Bateson et al. (1956), no contexto infantil, juntamente com as noções de trauma e desmentido desenvolvidas por Sándor Ferenczi (1933/1992). A pesquisa baseia-se em articulações entre as teorias psicanalíticas e abordagens sistêmicas, com foco nas contribuições

de Ferenczi sobre trauma psíquico e desmentido, e no conceito de duplo vínculo de Bateson, com base nas pesquisas da Escola de Palo Alto. Foram analisados livros e artigos presentes nas bases de dados SciELO e PePSIC sobre duplo vínculo, trauma infantil e desmentido.

A primeira parte examina as patologias da comunicação nas relações interpessoais, com seus axiomas e variações, seguido por uma introdução ao conceito de duplo vínculo segundo Bateson. Na segunda parte, trazemos uma discussão sobre a teoria do trauma de Ferenczi. Por fim, a terceira parte articula as duas teorias, considerando a clínica como um espaço de reconhecimento e simbolização do evento traumático.

Acredita-se que o estudo dos traumas infantis e sua atualização na vida adulta é um tema fundamental para a investigação, já que os eventos traumáticos do passado podem estar na raiz do sofrimento psíquico atual. Espera-se que as articulações teóricas entre os conceitos de duplo vínculo e desmentido possam ampliar os recursos clínicos disponíveis para o manejo dos casos na Clínica da Família, e que este trabalho inspire novas pesquisas que contribuam para o avanço nessa área.

### **As patologias da comunicação nas relações interpessoais**

As famílias desenvolvem padrões habituais de comunicação, alguns mais funcionais e promotores de saúde, outros mais disfuncionais e paradoxais. Nesse contexto, o conceito de duplo vínculo tem uma relevância significativa para a psicoterapia de família e a visão sistêmica da doença mental, pois foi a primeira teoria sobre a gênese do sofrimento psíquico não ligada apenas à biologia ou questões intrapsíquicas, mas como um problema de comunicação surgido no interior do sistema familiar.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que a comunicação é um processo circular e, muitas vezes, transgeracional, incorporando diversos contextos, sociedades e culturas. Além disso, o padrão de comunicação em uma interação é o que define a qualidade do relacionamento dentro desse grupo (Watzlawick et al., 1993). Com base no Modelo da Pragmática da Comunicação Humana, o processo comunicacional é compreendido por meio de cinco axiomas funcionais (Watzlawick et al., 1993), que explicam as regras de causa e efeito na comunicação entre seres humanos.

O primeiro axioma postula que é impossível não se comunicar (Watzlawick et al., 1993). Tudo o que se diz, faz, ou mesmo o silêncio, os distanciamentos, investimentos, negações, equívocos ou evasões são, por si só, formas de comunicação. Os autores resumem que os contextos comunicacionais apresentam quatro respostas possíveis: Rejeição (manifestação de desinteresse em se comunicar); Aceitação (abertura para a troca comunicacional); Desqualificação (pobreza de conteúdo e/ou forma que invalida a própria comunicação ou a do outro); e, por último, o Sintoma, compreendido como uma mensagem não verbal que comunica um problema: "não sou eu quem não quer fazer isso; é algo fora do meu controle; por exemplo, meus nervos, minha ansiedade, minha deficiência, o álcool, o modo como fui criado ou minha mulher" (Watzlawick et al., 1993, p. 73).

O segundo axioma afirma que toda comunicação se apresenta em dois níveis: conteúdo e relação, sendo que o segundo classifica o primeiro, formando uma metacomunicação. As confusões entre esses níveis — comunicação e metacomunicação — podem resultar em uma comunicação paradoxal. A comunicação patológica se estabelece quando há um embate no campo das relações, tornando os conteúdos irrelevantes (Watzlawick et al., 1993, p. 73). Os

autores afirmam que qualquer comprometimento na qualidade das relações interfere na forma como o conteúdo é recebido. Ainda sobre o segundo axioma, entende-se que, para que o homem ganhe consciência de seu próprio "eu", é necessário se comunicar com o outro por meio de trocas de comportamentos de confirmação, rejeição ou desconfirmação.

Ao falar sobre comportamentos de confirmação, Watzlawick et al. (1993) afirmam que, sem esse efeito, não haveria motivos para se comunicar, já que grande parte das nossas interações se dedica a esse propósito. O comportamento de rejeição, embora penoso, pressupõe o reconhecimento de que o outro está sendo rejeitado, sem negar a realidade, podendo até ser uma rejeição construtiva. Já a desconfirmação, vista pelos autores como o ponto mais importante da comunicação patológica, não se interessa em confirmar ou rejeitar; a mensagem é: “você não existe”, o que leva à perda do "eu".

Para Watzlawick et al. (1993), a desconfirmação do "eu" pelo “outro” resulta, principalmente, de um desconhecimento peculiar das percepções interpessoais, chamado impermeabilidade, que ocorre da seguinte maneira: "a mãe ou o pai não registra o ponto de vista do filho, e o filho não percebe que seu ponto de vista não foi registrado (...) a mãe ou o pai insiste que a criança deve acreditar no que ela ou ele (pai) acha que o filho ‘deve’ acreditar" (p. 83).

O terceiro axioma refere-se à pontuação da comunicação, que organiza os eventos comportamentais e, portanto, é vital para as interações em curso (Watzlawick et al., 1993, p. 51). Trata-se da troca de mensagens entre os participantes, que muitas vezes apresentam distorções discrepantes da realidade. Por exemplo: “Faço isso porque você faz aquilo”, gerando opiniões divergentes sobre um mesmo acontecimento. Nesse contexto, Watzlawick et al. (1993) apontam quatro tipos de conflitos relacionados à pontuação da comunicação: Quando pelo menos uma das pessoas envolvidas na comunicação não possui as mesmas informações que os outros, mas não sabe disso; Quando uma pessoa acredita que o outro deve entender uma informação da mesma forma que ela entendeu; Quando há um conflito sobre o que é causa e o que é efeito; Quando existe uma profecia autorrealizável, como alguém que afirma “ninguém gosta de mim”, mas colabora com a premissa ao se afastar e ser antipático com os demais.

O quarto axioma destaca que a comunicação ocorre em uma vertente digital e outra analógica (Watzlawick et al., 1993). A comunicação digital refere-se aos conteúdos verbais e explícitos da linguagem, enquanto a comunicação analógica abrange a comunicação não verbal, como postura, gestos, expressão facial e entonação de voz. A distorção patológica pode surgir quando o receptor percebe incongruências entre a linguagem verbal e não verbal de quem emite a mensagem, resultando da interpretação pessoal de cada um, ou quando a mensagem analógica (não verbal) leva a interpretações digitais incompatíveis.

Por fim, o quinto axioma descreve que as interações podem ser complementares ou simétricas. Na interação complementar, as diferenças são maximizadas, e essa forma de relação é frequentemente determinada por contextos sociais ou culturais, como pais e filhos, professor e aluno. Na interação simétrica, a igualdade e a minimização das diferenças são as características predominantes. Cabe ressaltar que simetrias e complementaridades em comunicação não são intrinsecamente boas ou ruins, normais ou anormais, pois tudo depende de como as pessoas envolvidas se relacionam e do contexto em que as interações ocorrem (Watzlawick et al., 1993).

Portanto, acredita-se que as incongruências e paradoxos na comunicação podem gerar neuroses, psicopatologias ou até mesmo esquizofrenia, em casos extremos. A comunicação paradoxal é um dos conceitos mais importantes na obra de Bateson, e posteriormente se tornou

referência teórica não apenas para a Terapia Familiar Sistêmica, mas também para a compreensão do sofrimento psíquico como um problema de comunicação dentro do sistema familiar.

### **Breves considerações sobre Bateson**

Gregory Bateson, natural de Grantchester, Inglaterra, 9 de maio de 1904, nasceu em uma grande família burguesa intelectual britânica. Seu avô era o diretor da St. John's University e St. John's College, em Cambridge, e seu pai, William Bateson, um dos fundadores da genética sob a perspectiva da evolução, postulado por Darwin. Bateson, apesar de fortemente influenciado pelo olhar geneticista, abandonou as ciências naturais e seguiu o caminho trilhado pela antropologia.

Na antropologia, Bateson realiza estudos promissores, como a monografia de *Naven - The Culture of the Iatmul people of New Guinea as revealed through a study of the "naven" ceremonial*, publicado em 1958. A reflexão sobre o povo Iatmul levou à suposição de que as interações são sempre dinâmicas em um processo constante de equilíbrio e desequilíbrio. No entanto, embora suas teorias sejam endossadas por antropólogos, o autor não acredita que esse ramo sozinho seja capaz de descrever e compreender as estruturas que expressam a construção de seu pensamento, e por isso busca as ferramentas dos ramos da psicologia e da sociologia para se aprofundar nas temáticas sobre as crenças, rituais e símbolos. Assim, no início de 1942, Bateson inicia sua importante pesquisa em Bali.

Em sua publicação *Balinese Character*, Bateson buscou compreender as formas pelas quais as crianças se integravam à cultura balinesa. Durante dois anos de trabalho de campo em um pequeno vilarejo, ele e sua esposa, Margaret Mead, filmaram interações entre mães e bebês no documentário *As Relações com a Mãe: o Recalcamento das Emoções* (1942). O casal observou que, embora as mães balinesas estimulassem a criança, elas se tornavam indiferentes ao menor sinal de resposta emocional, interrompendo a troca afetiva. A partir dessa observação, Mead delineia um esboço do que Bateson mais tarde conceituaria como duplo vínculo, entendendo que relações sustentadas por mensagens paradoxais poderiam gerar um distanciamento progressivo da criança em relação aos adultos:

A mãe incita continuamente o filho a mostrar sua emoção – amor, ciúme ou raiva – mas isso apenas para se afastar, romper o laço, no momento em que o filho, preso numa espiral afetiva, pede à mãe alguma resposta emocional (...). Durante dois ou três primeiros anos de suas vidas, as crianças respondem a esses estímulos (...). Mais tarde, a criança começa a se retirar (...). O recuo que assinala o fim da primeira infância para um balinês, e que ocorre entre a idade de 3 a 6 anos, é uma insensibilidade emocional total. E, uma vez estabelecida, a sua insensibilidade persistirá ao longo de toda a vida. (Bateson & Mead, 1942 *apud* Winkin, 1998, p. 39)

No entanto, é importante considerar os limites dessa leitura, elaborada a partir de uma perspectiva ocidental, o que pode ter levado à patologização de práticas culturais sem atenção aos seus sentidos locais. A análise, embora pioneira, reflete os desafios da tradução cultural e os traços de etnocentrismo que ainda marcavam a antropologia daquele período.

Após o período na Ásia, Bateson participa do nascimento da cibernética, onde também surge sua aproximação com a terapia de família. A cibernética é dita como pioneira no que diz

respeito ao entendimento do funcionamento da família, a partir da compreensão dos mecanismos de feedbacks em sistemas que se auto regulam: "a família compartilha com outros sistemas cibernéticos é uma tendência a manter a estabilidade usando como feedback informações sobre seu desempenho." (Nichols & Schwartz, 2007, p. 101).

Como um dos principais articuladores do modelo cibernético com os sistemas sociais e teóricos da comunicação, Bateson inicia sua pesquisa sobre a comunicação do esquizofrênico com sua família. Alguns anos depois, membros desta equipe fundaram o Mental Research Institute de Palo Alto (MRI), dando início a assim chamada Escola de Palo Alto. A Escola de Palo Alto juntou pesquisadores de até então, Califórnia e Filadélfia, interessados em repensar os paradoxos da comunicação humana. Os princípios propostos pelo Modelo da Pragmática da Comunicação Humana (Watzlawick, *et al.*, 1993), e as distorções comunicacionais a eles associados, facilitaram a compreensão de alguns sofrimentos psíquicos, que podem até mesmo provocar uma clivagem do eu com a realidade.

## Duplo vínculo

Os efeitos do paradoxo na comunicação humana foram descritos pela primeira vez por Bateson, Jackson, Haley e Weakland no artigo intitulado *Toward a Theory of Schizophrenia*, publicado em 1956. Esse grupo de pesquisadores desenvolveu as bases teóricas do duplo vínculo. Em uma visão ampliada, Bateson considerou o duplo vínculo como um padrão epistemológico capaz de explicar tanto a psicose, especificamente a esquizofrenia, quanto um vasto espectro de síndromes, designadas como síndromes transcontextuais.

Segundo Bateson et al. (1956), a esquizofrenia não pode ser compreendida como um distúrbio isolado, mas como uma disfunção da relação e da comunicação, culminando no paradoxo do duplo vínculo. Muito mais que um mal-entendido, as relações de duplo vínculo consistem em receber mensagens conflitantes de alguém próximo e querido, que afirma e nega algo simultaneamente, apresentando duplo sentido entre a linguagem verbal e não verbal, gerando sofrimento e confusão na mente da vítima. Ao constatar que a relação de duplo vínculo é contraditória e expressada por comportamentos de afeto e agressões simultâneas, Nichols e Schwartz (2007) afirmam:

Uma pessoa em um relacionamento importante, do qual não é possível escapar e que requer uma resposta. Se essa pessoa receber duas mensagens relacionadas, mas contraditórias, em diferentes níveis, e tiver dificuldade para detectar ou comentar a inconsistência, essa pessoa está em um duplo vínculo (p. 38).

No estudo sobre o conceito de duplo vínculo, Bateson e sua equipe de pesquisa descrevem os ingredientes básicos para sua constituição (1956), conforme explicado a seguir:

- Duas ou mais pessoas. A pessoa que exerce a violência é essencial para a vida e o desenvolvimento da vítima, que se sente emocionalmente ligada de uma forma intensa e inescapável.
- Experiência repetida. Não é uma experiência traumática única, mas uma situação recorrente, na qual o duplo vínculo se torna uma expectativa comum.
- Um comando negativo primário. Pode assumir duas formas: a) “Não faça tal coisa, ou eu o punirei”; ou b) “Se você não fizer tal ou tal coisa, eu o punirei”. A pessoa que sofre o duplo

vínculo é punida por ter percepções corretas. A vítima é impedida de expressar o paradoxo do que vive, tanto pela dependência vital quanto pela alta exigência de manter a dinâmica.

- Mandato secundário que entra em colisão com o primeiro em um nível mais abstrato e é reforçado, assim como o primeiro, por punições ou sinais que ameaçam a sobrevivência. Aqui, prevalecem mensagens paradoxais, ou seja, o agressor afirma algo e simultaneamente comunica o contrário, reforçando com punições ou sinais de perigo, como uma mensagem amistosa acompanhada de um gesto agressivo.
- Uma liminar terciária negativa que impede a vítima de escapar do campo ou de refletir sobre o padrão interacional. Nesse critério, a vítima é proibida de se afastar ou comentar a estrutura estabelecida da mensagem (Bateson et al., 1956). Em alguns casos, a fuga é impossibilitada por promessas caprichosas de afeto e afins.
- Por último, o conjunto de todos esses critérios não é mais necessário quando a vítima aprende a perceber a realidade em padrões de duplo vínculo. Qualquer parte de uma sequência pode ser suficiente para precipitar uma reação da dinâmica estabelecida. O esquema de mandatos conflitantes pode ser substituído por vozes alucinatórias (Ceberio & Watzlawick, 1998).

É importante ressaltar que o grupo de Bateson observou que o duplo vínculo também pode aparecer em pessoas sem nenhum tipo de transtorno mental. No entanto, quando o sujeito é submetido a situações e/ou contextos de duplo vínculo, ele pode responder de maneira defensiva, similar à esquizofrenia. Os autores afirmam ainda que sua progressão não gera apenas distorções cognitivas, mas também cria sistemas sintomáticos.

Bateson declara que o duplo vínculo é uma condição necessária, mas não suficiente para explicar a etiologia da esquizofrenia; é, na verdade, um subproduto da comunicação esquizofrênica. Laing (1967, *apud* Watzlawick, 1967) afirma:

A consequência desse tipo de comunicação é que, quando não importa como uma pessoa sente ou como atua, quando não importa o significado que ela atribui à situação, seus sentimentos ficam privados de validade, seus atos despojados de motivos, intenções e consequências. A situação perde o significado para ela, de modo que a pessoa fica totalmente mistificada e alienada (p. 80).

Dessa forma, entende-se que um ambiente familiar onde os integrantes não possuem uma comunicação que qualifique e confirme a existência do próximo, ou seja, que considere a metacomunicação, tende a ser um lugar de destituição, causando assim a perda do "eu". Frente a esse desamparo e trauma psíquico, este trabalho segue explorando o conceito de trauma e sua negação para Ferenczi (1931/1992), em que o autor se debruça sobre o conceito de cisão do "eu" como um mecanismo de defesa diante do trauma.

## **Breves considerações sobre Ferenczi**

Nascido na Hungria, Ferenczi estudou Medicina na Universidade de Viena, onde se graduou em 1894. Durante a Primeira Guerra Mundial, trabalhou como médico do exército, o que lhe deu a oportunidade de aprofundar a abordagem psicanalítica no desenvolvimento e tratamento das neuroses de guerra (Mészáros, 2008). Ferenczi reconheceu que o trauma de guerra alterava a personalidade, causando angústia duradoura e medos irracionais. De fato, os hospitais

militares lidavam com o que hoje conhecemos como Transtorno de Estresse Pós-Traumático (Mészáros, 2008).

Ferenczi criou um vínculo extremamente importante com o fundador da Psicanálise, Freud, com quem trocou inúmeras cartas até o final da sua vida, em 1933. Entende-se que Ferenczi foi um autor que levantou questões de grande alcance na comunidade psicanalítica, sendo seu principal tema o estudo das repercussões traumáticas do abuso psicológico e sexual no desenvolvimento emocional das crianças. Como afirma Erich Fromm a respeito do texto *Confusão de Línguas entre os Adultos e a Criança* (1933/1992), trata-se de “um dos artigos mais valiosos da literatura psicanalítica” (apud Meyer, 2005, p. 17). Nessa obra, Ferenczi aponta que muitos problemas psicológicos dos adultos têm origem nos traumas da infância, e que o abuso sexual infantil é “muito mais comum do que a maioria dos psicanalistas está disposta a admitir” (Meyer, 2005, p. 17).

Ainda na obra *Confusão de Línguas entre os Adultos e as Crianças* (1933/1992), o autor explica que a criança não tem outro meio de se proteger, exceto por mecanismos de defesa como a negação, o distanciamento e a dissociação (Meyer, 2005; Kelley-Laine, 2000). No processo de internalização, a criança identifica-se tanto com os desejos do adulto quanto com a culpa, acabando por se identificar com o agressor e, conseqüentemente, deixando de existir como realidade externa (Kelley-Laine, 2000).

### **Trauma ferencziano e o desmentido**

As construções finais da teoria do trauma na obra de Ferenczi encontram-se, mais precisamente, em seus últimos escritos, nos quais ele apresenta princípios para uma ética do cuidado. Destacam-se: *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929/1992); *Análises de crianças com adultos* (1931/1992); *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (1933/1992); e, ainda, o artigo póstumo *Reflexões sobre o trauma* (1934/1992). Ferenczi constrói um enredo que tem como eixo central a violência sexual de um adulto sobre uma criança. O conceito de trauma pode ser abordado a partir de dois enfoques distintos: no primeiro, os traumas são estruturantes, necessários e inevitáveis, fundamentais para a constituição subjetiva. Já no segundo, como descrito em *Análise de Crianças com Adultos* (1931/1992), Ferenczi trata do trauma patógeno como a negação da realidade vivida pela criança.

Para Favero e Rudge (2009), a noção de trauma como uma composição estruturante do sujeito encontra-se nos textos de Ferenczi das décadas de 1910 a 1920. Em 1913, Ferenczi identificava uma vertente positiva do trauma como organizador psíquico, uma vez que a experiência sedutora com a mãe, o primeiro objeto de amor, introduz os limites e faz o bebê reconhecer nele próprio sentimentos de desprazer. Somente em 1930, Ferenczi aprofunda uma segunda leitura do trauma, relacionada aos casos de violência. Em *Confusão de Língua entre os Adultos e a Criança* (1933/1992), o autor explora o trauma patógeno, cuja inscrição decorre da repetição de eventos traumáticos (violência) e da negação do vivido (desmentido).

Resumidamente, o trauma patológico consiste na interação entre a criança e o adulto, em que a criança expressa uma linguagem lúdica, inocente e terna. No entanto, o adulto, com tendências psicopatológicas, confunde essa linguagem de ternura com uma sedução de caráter genital, provocando uma confusão de línguas. Nas palavras de Ferenczi:

As seduções incestuosas produzem-se habitualmente assim: um adulto e uma criança amam-se; a criança tem fantasias lúdicas; como desempenhar um papel maternal em relação ao adulto. O jogo pode assumir uma forma erótica, mas conserva-se, porém, sempre no nível da ternura. Não é o que se passa com os adultos se tiverem tendências psicopatológicas (...). Confundem as brincadeiras infantis com os desejos de uma pessoa que atingiu a maturidade sexual, e deixam-se arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas consequências. (Ferenczi, 1933/1992, p. 101-102)

Ferenczi (1933/1992) argumenta que o incesto pode provocar uma série de emoções na criança, como ódio, recusa, repugnância e até resistência violenta. No entanto, a criança, fragilizada pela confusão, pode acabar se calando e até perdendo a consciência sobre os acontecimentos. Em *Reflexões sobre o Trauma* (1934/1992), Ferenczi descreve essa situação como "equivalente à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa do Si mesmo" (Ferenczi, 1934/1992, p. 109).

Diante da cena de violência, a criança, sem forças nem voz para lutar contra o agressor — muitas vezes uma figura de confiança — acaba se submetendo, “identificando-se totalmente com o agressor” (Ferenczi, 1933/1992, p. 102). Ferenczi entende a identificação como a introjeção da imagem do agressor, transformando-o em conteúdo intrapsíquico, dissociado da realidade exterior (Ferenczi, 1933/2011). Assim, a identificação resulta da violência, pois o agressor nega sua culpa, permanecendo introjetado no psiquismo da criança:

Se a criança se recupera de tal agressão, ficará sentindo, no entanto, uma enorme confusão; a bem dizer, já está dividida, ao mesmo tempo inocente e culpada, e sua confiança no testemunho de seus próprios sentidos está desfeita. Some-se a isso o comportamento grosseiro do adulto, ainda mais irritado e atormentado pelo remorso, o que torna a criança ainda mais profundamente consciente de sua falta e ainda mais envergonhada. Quase sempre, o agressor comporta-se como se nada tivesse acontecido e consola-se com a ideia: ‘Oh, é apenas uma criança, ainda não sabe nada dessas coisas e acabará esquecendo tudo isso’ (Ferenczi, 1933/1992, p. 102).

A criança pode tentar buscar reconhecimento do ocorrido com outro adulto, mas este, muitas vezes, não suporta o relato e o desmente. Ferenczi atribui ao desmentido a maior responsabilidade pelo trauma: "O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado ou repreendido (...) é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico" (Ferenczi, 1931/1992, p. 79). O desmentido ocorre quando a criança busca validar sua experiência de violência com um adulto de confiança, que, ao negar o relato, faz com que ela passe a duvidar de seus próprios sentidos e da sua percepção da realidade (Ferenczi, 1931/1992).

Em uma nota do *Diário Clínico* (1932/1990), intitulada *O que é traumático: Uma agressão ou suas consequências?*, Ferenczi enfatiza que a confusão traumática surge como consequência da reação dos adultos em quem a criança confia. Segundo ele:

A solidão traumática, a interdição e a vontade de interdizer do pai, a surdez e a cegueira da mãe, é isso o que torna a agressão traumática, isto é, própria para fissurar o psiquismo. O ser que fica só deve ajudar-se a si mesmo e, para esse efeito, clivar-se naquele que ajuda e naquele que é ajudado (Ferenczi, 1932/1990, p. 240).

Ferenczi (1932/1990) também afirma que o sintoma do trauma é a dissociação, comentando: "as pessoas traumatizadas têm a impressão de ter superado o espaço e o tempo" (p. 65). Em

*Confusão de Línguas entre os Adultos e a Criança* (1933/1992), ele conclui que a criança vítima da violência recorre à clivagem psíquica, um mecanismo que permite distanciar-se da experiência afetiva do trauma e conter a dor insuportável. Ferenczi descreve essa clivagem como "uma dor sem conteúdo de representação" (Ferenczi, 1933/1992, p. 64). É um corte na subjetividade, em que a criança "para se proteger, sai de si mesma, toma distância de si própria e de seu entorno, como se observasse tudo o que acontece de muito longe, 'lá de cima', como num filme" (Gondar, 2017, p. 95).

Assim, o desmentido faz com que a criança não saiba em quem confiar, gerando a confusão de línguas: "O que eu fiz?". Ela acaba atribuindo a culpa a si mesma, enquanto a inscrição do trauma se dá não só pela violência em si, mas pela negação dessa violência por parte do adulto. Diante disso, a clivagem do Eu torna-se a única saída para a criança restabelecer um mínimo de organização subjetiva.

### **A clínica como reconhecimento**

A teoria do duplo vínculo, desenvolvida por Gregory Bateson e colaboradores, constitui uma ferramenta para compreender os efeitos decorrentes da exposição prolongada a padrões comunicacionais paradoxais. Nessas configurações, uma mensagem explícita é simultaneamente contradita por outro nível de comunicação - implícito, não verbal ou contextual - instaurando no sujeito um impasse relacional característico na lógica do duplo vínculo. De maneira convergente, Ferenczi em sua teoria do trauma desenvolve o conceito de desmentido, que se refere à negação por parte dos adultos da realidade vivida pela criança. Essa negação leva o sujeito a duvidar de suas próprias percepções, instaurando o que o autor denomina confusão de línguas, cujos efeitos podem culminar em fragmentação psíquica.

Apesar de terem sido desenvolvidas em contextos e com propósitos diferentes, há semelhanças notáveis entre o duplo vínculo e o conceito de desmentido em Ferenczi. Em ambos os casos, a figura que exerce a violência é essencial para a vida e o desenvolvimento da criança, criando uma relação de dependência intensa e inevitável. Tanto no duplo vínculo quanto no desmentido, o traumático emerge de experiências repetitivas e da impossibilidade de expressar ou elaborar a violência sofrida, uma vez que a criança é punida por tentar interpretar o mundo de acordo com suas próprias percepções.

No duplo vínculo, prevalecem mensagens paradoxais, em que expressões simultâneas de afeto e agressão são enviadas à criança. De maneira semelhante, Ferenczi, em *Confusão de Línguas entre Adultos e Crianças* (1933/1992), descreve como o adulto não reconhece a linguagem de ternura da criança, interpretando-a erroneamente como uma sedução sexual. Isso cria uma confusão de mensagens de afeto e violência, na qual a criança é emocionalmente vulnerável e incapaz de compreender adequadamente as intenções do adulto. Assim como no duplo vínculo, o modo de sentir da criança não é levado em consideração.

Bateson e sua equipe observaram que a dinâmica do duplo vínculo pode ocorrer em pessoas sem nenhum transtorno mental, bastando que estejam inseridas em um sistema de comunicação esquizofrênica. A consequência disso é a fragmentação ou destruição da capacidade do indivíduo de sentir e agir de forma coerente, algo que ressoa com a ideia de *clivagem* proposta por Ferenczi. Em ambos os casos, a mensagem central transmitida ao indivíduo é: "Você não existe", o que leva à cisão do Eu.

A metacomunicação, ou seja, a capacidade de discutir a própria comunicação, é uma temática central nos casos de duplo vínculo. O sujeito, ao tentar compreender ou questionar a contradição que lhe foi imposta, vê sua percepção invalidada, o que torna impossível qualquer resolução do conflito. A pessoa que perpetua a comunicação contraditória se sente autorizada a rejeitar e punir a percepção da criança, aprofundando a confusão e o sofrimento psíquico.

Ferenczi, por sua vez, desenvolveu dispositivos clínicos para lidar com o trauma, focando na escuta e validação do testemunho da criança. Em *A Criança Mal Acolhida e Sua Pulsão de Morte* (1929/1992), ele aponta que o trauma diminui o prazer de viver, e que o analista deve adaptar-se às necessidades do paciente, reduzindo as exigências de trabalho psíquico para reintroduzir as pulsões de vida. Esse processo implica criar um espaço no qual o trauma possa ser lembrado e transformado em narrativa.

A transferência, tanto em Freud quanto em Ferenczi, é vista como uma repetição do sintoma traumático que busca sentido. Em *Construções em Análise* (1937/1996), Freud afirma que o trauma é algo que não pode ser narrado diretamente e, para superá-lo, é necessário revivê-lo no espaço da transferência, onde o analista e o analisado trabalham juntos para dar um novo significado ao sofrimento. Em *Repetir, Recordar e Elaborar* (1914/1996), Freud reforça a importância da dimensão relacional no tratamento do trauma.

Portanto, na prática clínica, muitas vezes o sujeito não consegue elaborar o trauma em palavras. O traumático se expressa por meio de ações e repetição. A transferência oferece a oportunidade de ressignificar essas experiências, permitindo a transformação do conteúdo traumático em narrativa, facilitando assim a reconstrução subjetiva do sujeito e do grupo familiar.

## Considerações finais

A articulação entre a vivência do duplo vínculo e o desmentido constitui uma chave para ampliar a compreensão dos efeitos subjetivos da violência e orientar a escuta clínica diante desses contextos. Esses fenômenos, frequentemente imbricados, intensificam a confusão psíquica e dificultam a elaboração das experiências traumáticas vividas. O trauma psíquico, como sugerido, ultrapassa a capacidade do indivíduo de atribuir sentido à experiência, e essa ruptura interna leva à repetição compulsiva do traumático.

No entanto, a violência em si não é a única fonte do trauma; o *desmentido*, ou seja, a negação da realidade pelo adulto, também é um fator crucial. Ao negar a percepção e os sentimentos da criança, o adulto impõe uma espécie de amnésia forçada, que faz com que a própria realidade do sujeito seja questionada. Essa impossibilidade de reconhecer o vivido promove a *clivagem do Eu*, um mecanismo de defesa que a criança utiliza para manter alguma forma de organização psíquica.

Tanto no *duplo vínculo* quanto no *desmentido*, a criança se encontra na situação de paradoxos, em que não sabe em quem confiar, pois as figuras de cuidado e afeto, ao mesmo tempo, são também aquelas que exercem a violência. A linguagem de ternura da criança é distorcida, e sua percepção da realidade manipulada. Nesses casos, o trabalho clínico adquire um papel central, não como solução técnica, mas como espaço onde a experiência pode ser escutada, validada e, progressivamente, elaborada.

Contudo, a abordagem clínica em contextos de violência intrafamiliar exige atenção e responsabilidade. Quando os próprios familiares são agentes da violência ou atuam no registro

do desmentido - negando ou distorcendo a realidade da vítima -, há risco de retraumatização. Por isso, a terapia familiar não deve ser considerada como primeira abordagem, dado seu potencial de reforçar dinâmicas adoecedoras. Nesses casos, a clínica individual constitui o caminho mais indicado, por oferecer um espaço protegido onde o sujeito possa reconstruir sua narrativa, recuperar a confiança na própria percepção e iniciar o trabalho de simbolização da experiência traumática. Nesse processo, cabe ao profissional assumir uma postura de testemunha cúmplice, comprometido eticamente com a verdade do paciente. Sua escuta, ao mesmo tempo empática e confrontadora, contribui para nomear o ocorrido, desfazer distorções e reinscrever o vivido em um sistema de significados mais integrado e coerente.

Por fim, é importante reconhecer que os conceitos de duplo vínculo e desmentido não oferecem diretrizes técnicas fechadas, mas sim ferramentas teóricas para compreender os impasses relacionais que atravessam o trauma. O desafio clínico, nesses casos, não está em encontrar uma forma única de intervenção, mas em sustentar a escuta diante de vínculos adoecidos e apostar na possibilidade da reconstrução subjetiva, mesmo quando o ambiente familiar apresenta graves distorções. Assim, o clínico não apenas acolhe os sintomas do trauma, mas também promove uma transformação sistêmica ao possibilitar que o sujeito ocupe o lugar de quem reconhece e valida sua própria memória. Reconhecer o traumático em seu contexto mais amplo e transformá-lo em uma vivência que possa ser narrada e elaborada é a aposta central na articulação entre as duas teorias.

## Referências

- Bateson, G., & Mead, M. (1942). *Balinese character: A photographic analysis*. New York: Academy of Sciences.
- Bateson, G., Jackson, D., Haley, J., & Weakland, J. (1956). Toward a theory of schizophrenia. *Behavioral Science*, 1(4), 251–264. <https://doi.org/10.1002/bs.3830010402>
- Bateson, G. (1958). *Naven: A survey of the problems suggested by a composite picture of the culture of a New Guinea tribe drawn from three points of view*. Stanford University Press.
- Bucher-Maluschke (2008). Do transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da psicanálise. In M. A. Penso & L. F. Costa (Orgs.), *A transmissão geracional em diferentes contextos: Da pesquisa à intervenção* (pp. 76–96). Summus.
- Ceberio, M., & Watzlawick, P. (1998). *La construcción del Universo: Conceptos introductorios y reflexiones sobre epistemología, constructivismo y pensamiento sistémico*. Herder.
- Favero, A., & Rudge, A. (2009). Trauma e desmentido. *Psychologia*, 50(1), 169-180. [https://doi.org/10.14195/1647-8606\\_50\\_8](https://doi.org/10.14195/1647-8606_50_8)
- Féres-Carneiro, T., & Ponciano, E. (2005). Articulando diferentes enfoques teóricos na terapia familiar. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 39(3), 439-448.
- Ferenczi, S. (1992a). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise IV* (pp. 47–51). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1929)

- Ferenczi, S. (1992b). Análises de crianças com adultos. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise IV* (pp. 69–83). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1931)
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico* (L. Hanns, Trad.). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1932)
- Ferenczi, S. (1992c). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise IV* (pp. 97–106). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1933)
- Ferenczi, S. (1992d). Reflexões sobre o trauma. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise IV* (pp. 109–117). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1934)
- Freud, S. (1996a). Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In S. Freud, *O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (Vol. 12, pp. 163–171). Imago. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (1996b). Construções em análise. In S. Freud, *Moisés e o monoteísmo, esboços de psicanálise e outros trabalhos* (Vol. 23, pp. 275–287). Imago. (Obra original publicada em 1937)
- Gondar, J. (2017). O desmentido e a zona cinzenta. In J. Gondar & M. Reis (Orgs.), *Com Ferenczi: Clínica, subjetivação, política* (pp. 89–100). 7 Letras.
- Mészáros, J. (2008). This commission of yours: Sandor Ferenczi, the school of Budapest, and the psychoanalytic emigration. Academy Publishing.
- Meyer, W. (2005). The ‘mother’ returns to psychoanalysis: Sandor Ferenczi, welcome home. *Smith College Studies in Social Work*, 75(3), 15-31. [https://doi.org/10.1300/J497v75n03\\_03](https://doi.org/10.1300/J497v75n03_03)
- Nichols, P., & Schwartz, C. (2007). *Terapia familiar: Conceitos e métodos*. Artmed.
- Kelley-Laine, K. (2000). Sexual curiosity, trauma, and the confusion of tongues: The significance of Sandor Ferenczi’s work in our times. *Thalassa*, 1, 163-176. Thalassa.
- Laing, R. (1967). Mystification, confusion and conflict. In P. Watzlawick, J. Beavin, & D. Jackson, *Pragmática da comunicação humana* (pp. 66-87). Cultrix. (Publicado originalmente em 1967).
- Laplanche, J., & Pontalis, B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. Martins Fontes.
- Ponciano, E. (2004). *Habitando espaços em movimento: Indivíduo, família e contexto sócio-histórico* [Tese de doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. <https://doi.org/10.17771/PUCRIO.ACAD.4973>
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Zahar.
- Watzlawick, P., Beavin, J., & Jackson, D. (1993). *Pragmática da comunicação humana*. Cultrix.
- Winkin, Y. (1998). *A nova comunicação: Da teoria ao trabalho de campo*. Papirus.

**Revisão gramatical:** Arthur Thomas Lacerda de Carvalho  
**E-mail:** [arthur.thomas.lc@gmail.com](mailto:arthur.thomas.lc@gmail.com)

Recebido em outubro de 2024 – Aceito em junho de 2025.